

Prado, M. L. (org.) (2021). *Utopias latino-americanas. Política, sociedad, cultura*. São Paulo: Contexto.

**Paula da Silva Ramos**

Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis-Brasil  
[ramosps.his@gmail.com](mailto:ramosps.his@gmail.com)

Pertencente a uma geração que escolheu a dimensão da esperança como bússola<sup>1</sup>, Maria Lígia Coelho Prado, professora emérita da Universidade de São Paulo, brinda o público leitor com uma obra necessária e que dialoga com o desalentador cenário latino-americano e, notadamente, o brasileiro.

A coletânea revela, de maneira muito clara, a preocupação dos autores com a dimensão do presente que se impõe ao ofício do historiador. “Para formular corretamente os problemas, para até mesmo fazer uma ideia deles, uma primeira condição teve que ser cumprida: observar, analisar a paisagem de hoje. Pois apenas ela dá as perspectivas de conjunto de que era indispensável partir” (Bloch, 2002, p. 67). Os questionamentos feitos ao passado refletem o contexto de autoritarismo; o ataque ao campo educacional e à ciência; o desprezo por questões de gênero e étnico-raciais, e o enfraquecimento das propostas de integração latino-americana. Um contexto identificado por muitos como uma distopia, ou seja, um ambiente em que se vive em condição de opressão, desespero e privação.

Se o presente é essencial para o levantamento de problemáticas relacionadas ao passado, o conceito de utopia pressupõe futuro e a perspectiva de um porvir melhor. A obra não propõe uma discussão teórica sobre os muitos usos do conceito. Ela trata as utopias formuladas por intelectuais, políticos e grupos sociais latino-americanos a partir da perspectiva de Karl Mannheim, no clássico *Ideologia e utopia*, publicado em 1929.

<sup>1</sup>Em entrevista concedida à Revista Fapesp em 2017, Maria Lígia Prado falou sobre sua trajetória e sobre a dimensão da esperança eleita como bússola de sua geração. Cf. PRADO, 2017, p. 31.

Para ele, a utopia é parte essencial do que nos faz humanos. Um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre. Esta incongruência é sempre evidente pelo fato de que este estado de espírito na experiência, no pensamento e na prática se orienta para objetos que não existem na situação real. Mas são utópicas somente aquelas orientações que, transcendendo a realidade, tendem a se transformar em conduta, a abalar, seja parcial ou totalmente, a ordem das coisas que prevalece no momento. (Prado, 2011, p. 02)

A iniciativa surgiu em comemoração ao aniversário de oitenta anos da organizadora e reuniu parceiros intelectuais e ex-orientandos para celebrar uma trajetória dedicada à pesquisa e à docência em História das Américas. Importante ressaltar que Prado é uma referência fundamental quanto aos estudos latino-americanos e formou uma geração de pesquisadores inseridos hoje nas principais universidades brasileiras. A atuação docente e a orientação acadêmica promovidas por ela deixaram uma marca indelével em seus alunos, traduzida no tocante prefácio escrito por Fabiana de Souza Fredrigo.

O alinhamento entre os autores é nítido. Estruturado em cinco eixos, o livro conta com vinte e dois artigos, produzidos em grande harmonia com o projeto da organizadora. Os textos trazem problemáticas fundamentais para o presente contexto e apresentam utopias em projetos políticos, intelectuais e na condução de programas em vários países do continente. Outro ponto que norteou a proposta de Prado foi a busca por abranger o maior número de países latino-americanos possível, indo além das análises centradas em Argentina e México, países mais familiares aos leitores brasileiros. Colômbia, Chile, Equador, Bolívia, Cuba, Venezuela, El Salvador, Nicarágua e Costa Rica recebem amplo destaque na obra, que abarca também a dimensão da identidade latino-americana, que tangencia a totalidade das nações do continente.

O Brasil —que ao longo de sua história construiu um discurso identitário marcado pelo distanciamento em relação aos países hispano-americanos— é analisado pela perspectiva das utopias étnico-raciais, das representações e da integração latino-americana, promovidas por personagens que buscaram inserir o país no contexto continental, demonstrando a não conformidade com o sistema estabelecido, tão característico das utopias.

Nas cinco seções que se seguem, o leitor se depara com uma grande variedade de temas e temporalidades compreendendo desde abordagens de história política, história cultural, história das mulheres, história comparada e escrita de si até a história da ciência, que revelam o vigor da historiografia latino-americana atual. A primeira seção abriga artigos que refletem sobre as *Utopias étnico-raciais e de gênero*. Maria Lígia Prado e Romilda Costa Motta abordam a violência política contra as mulheres. As autoras analisam as trajetórias de três figuras complexas que apresentaram a utopia de decidir sobre a própria sexualidade, tornando-se alvos da violência do Estado por serem consideradas rebeldes e colocarem em xeque estereótipos femininos.

Especial destaque deve ser dado aos textos que problematizam os efeitos da diáspora negra nas Américas por meio das narrativas de miscigenação cultural —que destinam a população negra a

Silva Ramos, P. (2021). Reseña. Utopias latino-americanas. Política, sociedade, cultura. *Integración y Conocimiento*, 10 (2), 325–329.

um espaço marginalizado nas sociedades— e dos movimentos de resistência. Stella Maris Scatena Franco analisa a crítica social presente na literatura cubana de meados do século XIX, a partir da autobiografia Juan Francisco Manzano, um afro-cubano escravizado, e de Gertrudis Gómez de Avellaneda, mulher branca e de elite. Autores que, ao contestarem e denunciarem a instituição da escravidão, “fizeram das palavras armas com potencial para resistência e veículos para projeção de um mundo livre das opressões que pesava sobre eles” (Franco, 2021, p. 38).

Tânia da Costa Garcia e Flávio Thalles Ribeiro Francisco abordam, respectivamente, as narrativas em torno da mestiçagem no Brasil e a história de luta do movimento negro brasileiro colombiano, revelando “a face perversa e excludente do mito da democracia racial, ancorado no discurso da mestiçagem” (Garcia, 2021, p. 75). Encerra a seção o artigo de Gabriel Passeti sobre as resistências dos povos indígenas no Wall Mapu, extensa região da Araucania, nos Estados argentino e chileno. Em uma abordagem que evidenciou a complexidade dos cacicados; a integração econômica; as adaptações; incorporações de práticas de centralização política; a militarização, e as alianças para a resistência frente a expansão “criolla” sobre os territórios ocupados pelos povos nativos.

No segmento *Utopias do conhecimento*, os autores discutem os projetos de diferentes áreas do saber, que podem ser articulados pela premissa da construção de uma América Latina mais justa e que dialogue com a sua heterogeneidade social. Maria Lígia Prado e Valdir Santos discutem as esperanças de transformação social alicerçadas nas reformas no campo educacional promovidas pelos governos liberais colombianos no século XIX. Marta de Almeida e Marcos Cueto refletem como o conhecimento sobre a história das ciências no continente pode ser um poderoso aliado para a análise das desigualdades sociais, tema premente diante dos efeitos brutais da pandemia da Covid-19. Gabriela Pellegrino Soares analisa como o conhecimento arqueológico foi apropriado de diversas maneiras, destacando os “esforços para contrapor aos discursos hegemônicos afirmações identitárias nacionais, regionais e étnicas em um campo de disputas simbólicas e políticas” (Soares, 2021, p. 130). Camilo de Mello Vasconcellos e Willian Alfonso López Rosas em estudo a respeito do Museu Itinerante de Memória e Identidade de Montes María —Mochuelo, na Colômbia— articulam a museologia social ao objetivo utópico de fortalecimento do tecido social estilhaçado pelos anos de conflito armado no país.

Em *Utopias, representações e imaginários*, os autores discutem a produção e as trajetórias de intelectuais que projetaram utopias de unidade e idealizaram modelos de organização política para a América Latina. Barbara Weinstein, Patricia Funes e Júlio Pimentel Pinto destacam a complexidade e as incoerências dessas personagens em textos que contribuem para desvelar parte do cenário político-cultural latino-americano do começo do século XX aos anos 1970.

Destaque para o artigo de Carlos Alberto Sampaio Barbosa, centrado em dois fotolivros produzidos pelo brasileiro Sebastião Salgado e pelo mexicano Enrique Bostelmann, que traduziu a sensibilidade e força política da representação fotográfica. Estes autores buscaram construir uma identidade latino-americana pela chave da injustiça, da denúncia, da exploração de seus povos, em

Silva Ramos, P. (2021). Reseña. Utopias latino-americanas. Política, sociedade, cultura. *Integración y Conocimiento*, 10 (2), 325–329.

especial da população nativa. Retrataram o ambiente rural em trabalhos que deram visibilidade a atores políticos que, constantemente, são apagados ou esquecidos.

Quanto às *Utopias políticas*, os autores investigam dois grandes arcos que marcaram o século XX latino-americano: o socialismo, preponderante em meados do século, e a democracia, a grande utopia latino-americana após os anos 1980. Nesse sentido, a experiência chilena foi contemplada em artigo de Maria Helena Rolim Capelato; a cubana por Silvia Cezar Miskulin, e o fracasso da utopia bolivariana na Venezuela foi abordado por Sylvia Colombo. Consta também a análise essencial elaborada por Luiz Felipe Viel Moreira sobre a América Central, que discute os efeitos das políticas neoliberais implementadas na região e, particularmente, nos casos de El Salvador, Nicarágua e Costa Rica.

As utopias políticas na América Latina sempre refletiram o desejo de sobrepujar a extrema desigualdade econômica e social do continente. Nesse sentido, Tereza Maria Spyer Dulci apontou para o (re)surgimento, nas primeiras décadas do século XXI na região andina, da utopia do “bem viver”. Centrada nas cosmovisões dos povos indígenas do altiplano, o “bem viver” defende a necessidade de uma vida digna a todos e que, apesar das nuances na interpretação do conceito, foi um princípio norteador das Constituições do Equador e da Bolívia, em 2008 e 2009 respectivamente.

A última seção do livro aborda as *Utopias da integração latino-americana*, um tema persistente e que remonta aos movimentos de independência. Em meados do século XIX, a unidade das repúblicas latino-americanas se colocou pela necessidade de defesa em relação ao expansionismo imperialista dos Estados Unidos e teve nos escritos do cubano José Martí e do uruguaio José Enrique Rodó seus grandes marcos. Contudo, tantos outros intelectuais e políticos acalentaram esta utopia, a exemplo do argentino Manuel Ugarte —“um dos mais importantes formuladores e porta-vozes do ideal de união latino-americana na primeira metade do século XX” (Baggio, 2021, p. 370)— foco do artigo de Kátia Gerab Baggio.

Mary Anne Junqueira destaca os esforços latino-americanos para propor iniciativas de política internacional frente às ameaças a manutenção de suas soberanias, enfatizando a atuação do chanceler argentino Luis María Drago. José Luis Beired, por sua vez, concentra suas reflexões nos intelectuais e na produção do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Este órgão, fundado em 1969, no auge da ditadura militar brasileira, foi fundamental no sentido de “analisar o país enquanto parte de um continente unido pelas raízes culturais ibéricas” (Beired, 2021, p. 374), construindo uma produção científica que questionou modelos explicativos hegemônicos, promovendo uma utopia, que apoiada no conhecimento, apontava para um futuro moderno, desenvolvido, justo e democrático.

O último artigo do livro, de autoria de Regina Aída Crespo, evidencia o cenário pessimista em relação à integração latino-americana no contexto atual e o distanciamento da utopia de reunir integração econômica e colaboração em uma perspectiva mais ampla e inclusiva, sobretudo, após o fechamento do ciclo de governos progressistas no sul do continente e a consequente reversão dos acordos da UNASUL.

Silva Ramos, P. (2021). Reseña. Utopias latino-americanas. Política, sociedade, cultura. *Integración y Conocimiento*, 10 (2), 325–329.

As reflexões apresentadas no último artigo do livro remetem o leitor à proposta inicial da obra, executada com competência, a de suplantar a aridez destes tempos distópicos apresentando projetos utópicos que acalentam a esperança de um porvir melhor, pois “apesar dos pesares, é importante que sigamos utópicos, pois só assim continuaremos reconhecendo nossa própria humanidade, resistindo a disparates que, infelizmente, têm sido cotidianos e acreditando que uma outra sociedade ainda é possível” (Prado; Santos, 2021, p. 125).

### Referências

- Baggio Gerab, K. A integração latino-americano como projeto utópico em Manuel Ugarte. In Prado, M. L. *Utopias latino-americanas*. Política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021.
- Beired, J. L. A dimensão latino-americana no projeto do CEBRAP. In Prado, M. L. *Utopias latino-americanas*. Política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021.
- Bloch, M. Apologia da História. Ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- Costa Garcia, T. da. Mestiçagem como utopia de nação? Narrativas do samba em tempos de ditadura. In Prado, M. L. *Utopias latino-americanas*. Política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021.
- Pellegrino Soares, G. A antiguidade no novo mundo: arqueologia e identidades no começo do século XX. In Prado, M. L. *Utopias latino-americanas*. Política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021.
- Prado, M. L. Desafios do historiador brasileiro face às utopias latino-americanas do século XX. Anais do XXVI Simpósio Nacional de história – ANPUH. São Paulo, junho, 2011.
- Prado, M. L. *Questões abertas na América Latina* [entrevista concedida a Glenda Mezarobba]. Revista Pesquisa Fapesp, São Paulo, Edição 257, jul, 2017.
- Prado, M. L.; Santos, V. Educação e Igreja na Colômbia do século XIX. In Prado, M. L. *Utopias latino-americanas*. Política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021.
- Scatena Franco, S. M. Palavras que libertam. In Prado, M. L. *Utopias latino-americanas*. Política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto, 2021.

### Sobre la autora

Paula da Silva Ramos es Doutora em História e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. Mestre (2013) e Graduada (2009) em História pela mesma instituição. Atualmente é professora da Educação Básica no município de Assis e estudante de Pedagogia na Universidade Virtual do Estado de São Paulo – UNIVESP.

Silva Ramos, P. (2021). Reseña. Utopias latino-americanas. Política, sociedade, cultura. *Integración y Conocimiento*, 10 (2), 325–329.